

**DESCRIÇÃO DA VARIAÇÃO FONÉTICO-FONOLÓGICA  
NA LETRA MANUAL “E” EM LIBRAS**  
*DESCRIPTION OF PHONETIC-PHONOLOGICAL VARIATION  
IN THE FINGERSPELLED LETTER “E” IN LIBRAS*

*Heloise Gripp Diniz<sup>1</sup>*

**RESUMO**

A expressão da Libras se dá majoritariamente pelas mãos, mas também envolve expressões faciais e corporais e o uso do espaço de sinalização. As produções manuais podem ser, de maneira geral, de dois tipos: sinais lexicais e datilologia. Esta última se refere à soletração manual de palavras do português escrito por meio de configurações de mão, CM, que representam as letras do alfabeto. O uso da datilologia e a consequente formação de sinais datilológicos resulta do contato com a língua portuguesa. O presente artigo discute a variação fonético-fonológica na letra manual ‘E’, observada durante a soletração manual e a produção de sinais datilológicos. Nessas produções, percebeu-se a ocorrência de alguns processos fonológicos como a assimilação. Resultados preliminares sugerem os dois possíveis alofones para a letra manual “E”, cuja realização é influenciada pelo segmento vizinho da letra manual. Proponho que os dois alofones da letra manual “E” já identificados sejam representados por meio de símbolos [E●] e [E○], uma notação que futuramente poderá ser estendida para os possíveis alofones de outras letras manuais.

**PALAVRAS-CHAVE:** datilologia; sinal datilológico; alofone.

**ABSTRACT**

Libras is usually expressed by the hands, but also involves facial and body expressions, as well as the use of signing space. Manual productions can, in general, be of two types: lexical signs and fingerspelling. The latter refers to the manual spelling of words of written Portuguese using hand configurations, HC, which represent the letters of the alphabet. The use of fingerspelling and the consequent formation of fingerspelled signs result from contact with the Portuguese language. This article discusses the phonetic-phonological variation in the manual letter ‘E’, observed during the production of fingerspelling and fingerspelled signs. In these productions it was noticed the occurrence of some phonological processes such as assimilation. Preliminary results suggest two possible allophones for the manual letter “E”, whose realization is influenced by the neighboring segment of the manual letter. I propose that the two allophones of the manual letter “E” already identified are represented by symbols [E●] and [E○], a notation which in the future may be extended to other manual letters’ possible allophones.

**KEYWORDS:** datilology; fingerspelled signs; allophone.

---

1 Doutoranda da Linguística da UFRJ e docente do Curso de Letras Libras da UFRJ. Contato: [heloise.gripp@letras.ufrj.br](mailto:heloise.gripp@letras.ufrj.br)

## Introdução

O presente squib discute a estrutura fonética e fonológica dos sinais da Língua de Sinais Brasileira, Libras, relacionada ao sistema articulatório do corpo humano, especificamente à anatomia da mão humana. Destaco aqui um dos parâmetros fonológicos da Libras: a forma da mão ou a configuração de mão, CM. Além das configurações de mãos, há outros parâmetros fonológicos: locação, orientação da palma da mão e o movimento para produção de sinais. A Libras ainda possui outro parâmetro fonológico, as expressões faciais gramaticais e corporais que se manifestam através de movimento dos lábios, das sobrancelhas, das bochechas, da língua, etc. (QUADROS; KARNOPP, 2004).

As configurações das mãos são empregadas na produção de sinais nativos e datilológicos (antes denominados como sinais soletrados<sup>2</sup>), bem como na datilologia, ou seja, na soletração manual de palavras do português que não têm estatuto de sinal<sup>3</sup> (CORDEIRO, 2019, p. 43). Os estudos linguísticos sobre a Libras têm revelado que a variação e a mudança linguísticas ocorrem não apenas com os sinais nativos, mas também com os sinais datilológicos e com a soletração manual. Observações pessoais também me sugerem esse fato. Em alguns contextos de produção espontânea, vejo a letra manual “E” ser produzida com mais “nitidez”, por exemplo, quando ocorre durante a datilologia do nome de uma pessoa. No entanto, em outros contextos, por exemplo, num sinal datilológico, é comum observar a letra manual “E” variar em sua realização. Foi isso que me intrigou e motivou a investigar mais essa letra manual “E” e seus alofones.

Ao serem realizados, fonemas podem apresentar alofones diferentes, ou seja, realizações variadas. Portanto, o alofone é um dos possíveis modos de se pronunciar, no caso da língua de sinais, de sinalizar, um fonema. No caso deste trabalho, isso se aplica a cada configuração de mão. Segundo Quadros e Karnopp (2004):

(...) na língua de sinais, ainda não temos estudos que identificam os seus fonemas e alofones, mas sabemos que isso acontece. Por exemplo, o sinal de DOMINGO[1], pode ser produzido com duas configurações diferentes dependendo de quem sinaliza. (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 54).

Este squib objetiva apresentar uma descrição da variação fonológica na letra manual “E” do alfabeto em soletrações manuais, de forma geral, e nos sinais datilológicos, de forma específica. Ele objetiva também propor a representação de dois ou mais possíveis alofones da letra manual “E” com símbolos que propomos, a fim de capturar a variação que ela pode sofrer pela influência da letra manual anterior e/ou posterior.

2 Segundo Ferreira (1998), esses sinais se originam (...) de uma palavra da língua portuguesa que, por empréstimo, passou a pertencer à LIBRAS por ser expressa pelo alfabeto manual com uma incorporação de movimento próprio desta língua, está sendo representado pela datilologia do sinal em *italico*. (Ferreira, 2010, p. 56).

3 É a forma de usar a mão para “escrever” no ar, utilizando a letra por letra por meio do alfabeto manual, e também (...) para expressar nome de pessoas, de localidades e outras palavras que não possuem um sinal, está representada pela palavra separada, letra por letra por hífen. (Ferreira, 1995, p. 56)

Para tanto, este squib está organizado em três seções. Na primeira seção, descrevo o alfabeto manual da Libras e discuto brevemente alguns casos de variação envolvendo as letras manuais. Na segunda seção, discuto sinais datilológicos, resultantes do contato com a língua portuguesa que se lexicalizaram no decorrer do tempo (FARIA-NASCIMENTO, 2009). Por último, na terceira seção, discuto a variação fonética e fonológica na letra manual “E” com a proposta de representação dos alofones com símbolos.

## I. O Alfabeto Manual

O alfabeto manual é atestado em línguas de sinais em contato com línguas orais com tradição cultural escrita (FERREIRA BRITO, 2010). O uso do alfabeto manual decorre do contato linguístico, ou seja, do convívio diário do povo surdo bilíngue com a sociedade majoritária ouvinte. No caso do Brasil, a Libras está em contato com a língua portuguesa desde o século 19, como atestam registros históricos do Instituto Nacional de Educação de Surdos/INES. O alfabeto manual, por ser, assim como as línguas de sinais, de modalidade gestual-visual, permite a referência, nessa modalidade, às palavras do português, de modalidade oral-auditiva, e a sua conseqüente incorporação ao seu léxico. Esses empréstimos linguísticos realizados via alfabeto manual, em geral, se originam da soletração manual de nomes próprios, termos das áreas de conhecimentos como jargão entre outros.

Os alfabetos manuais variam de língua para língua. Há línguas em que ele é monomanual, ou seja, realizado com apenas uma mão, como a Libras, enquanto há outras em que ele é bimanual, isto é, articulado com as duas mãos.

a) Alfabetos monomanuais: a soletração de cada letra é feita por apenas uma mão, tanto direita ou esquerda (depende do sinalizante). Utilizam esse tipo de alfabeto línguas como a Libras, a língua de sinais americana (ASL), a língua de sinais francesa (LSF);

b) Alfabetos bimanuais: a soletração de cada letra é feita pelas duas mãos de modo simultâneo. Utilizam alfabetos desse tipo a língua de sinais australiana (Auslan), língua de sinais britânica (BSL), a língua de sinais da Nova Zelândia (NZSL).

Há poucas línguas de sinais que combinam letras monomanuais e bimanuais, como a língua de sinais argentina (LSA) e a língua de sinais chilena (LSC). Essas línguas se particularizam, inclusive, por apresentarem algumas letras monomanuais expressas no rosto e ou perto do pescoço. Alguns alfabetos manuais podem sofrer pequenas mudanças para o povo surdocego, que fazem uso da Libras tátil. Há alguns casos excepcionais, em que surdos sem os braços se comunicam através do alfabeto

manual produzido com os pés. Apesar dessas diferenças, todos os alfabetos manuais representam linearmente, letra a letra, a forma gráfica de palavras da língua oral.

Na Libras, o alfabeto manual é formado por 22 CMs, pois algumas letras manuais possuem a mesma CM, só que são posicionadas com a palma para frente e outras com a palma para baixo. A maioria das letras manuais é estática e algumas poucas apresentam movimento. Vejamos abaixo:

- Letras manuais com diferentes CMs: A, B, C, D, E, F, G, H, I, L, M, N, O, Q, R, S, T, U, V, W, Y e Z;
- Letras manuais com mesmas CMs: C/Ç, G/Q e H/K/P;
- Letras manuais com movimento interno da mão: Ç, H, J, K, W, X, Y e Z.

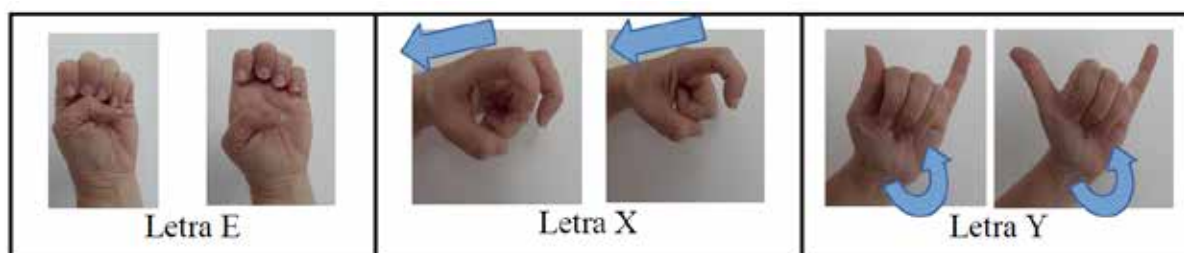
Esse movimento pode ser de diferentes tipos: semi-circular, reto, ziguezague, tremular, girar pelo pulso, dobrar pelo pulso, movimentos de dedos de abrir, fechar, curvar, entrelaçar (QUADROS; KARNOPP, 2004)

Algumas letras manuais podem se diferenciar uma da outra minimamente, constituindo, assim, pares mínimos:

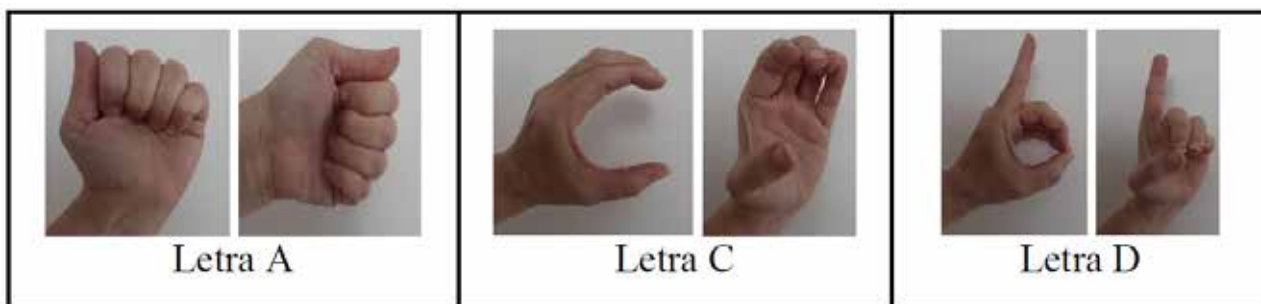
- pelo contato entre os dedos: C/O, U/V;
- pelo movimento: C/Ç, I/J, H/K;
- pela orientação da palma: G/Q, N/U;
- pela posição do dedo indicador: X/Z;
- pela posição do polegar: A/S, F/T e L/G.

Há variação fonológica em algumas letras manuais, dependendo da variação geográfica e idioletal, como:

- variação na CM:



b) variação na orientação:



c) variação no movimento pelo pulso: K, Y, Z.













A letra manual H pode ter sofrido mudança fonológica: de se fundamenta em minhas observações de alfabetos manuais do Brasil de diferentes épocas.

As letras manuais citadas acima são articuladas durante a datilologia e produção de sinais datilológicos. É provável que a maioria dos surdos não perceba a ocorrência de alofones em algumas letras manuais em seus usos na conversação. Em dicionários, mesmo em sinais datilológicos, as letras manuais seguem a forma canônica do alfabeto manual, mas sabemos que em contexto ocorrem processos fonológicos (CORDEIRO, 2019). Por essa razão, este trabalho, adotando uma perspectiva funcional, se propõe a coletar dados com informantes surdos por meio de instrumentos semi-estruturados, visando obter dados os mais espontâneos possível. Dessa forma, poderemos observar a ocorrência de variação fonológica, resultante do apagamento, da assimilação, entre outros. Como exemplo, citamos a letra manual E, que pode ser realizada através dos alofones “E” aberto e fechado.

Na soletração da palavra **cesta** da língua portuguesa, por exemplo, a letra “E” aparece entre as letras manuais ‘C’ e ‘S’, que podem, do ponto de vista de sua configuração, ser descritas, respectivamente, como ‘aberta’ e ‘fechada’. Durante a soletração dessa palavra pode ocorrer assimilação, processo fonológico em que um segmento adquire características de segmentos adjacentes. Se o anterior, temos assimilação progressiva. Se o seguinte, temos assimilação regressiva. Sendo assim, no caso em discussão, é possível que na soletração dessa palavra há dois alofones da letra manual ‘E’ ocorram, a saber, ‘E’ aberto ou ‘E’ fechado, como sugerem as imagens no Quadro 1 a seguir. Vale lembrar que há duas categorias de assimilação, a total e a parcial (SOUZA; SANTOS, 2011, p.48 e 49). Nos exemplos a seguir, temos um caso de assimilação parcial, já que apenas a posição dos dedos é assimilada.

**Quadro 1.** Assimilação regressiva e progressiva na soletração da palavra ‘cesta’

Assimilação regressiva					Assimilação progressiva				
									
C	E	S	T	A	C	E	S	T	A

Há diferença entre datilologia e sinal datilológico. A datilologia consiste em soletrar quaisquer palavras do português, em geral, de forma pausada, como nos dois exemplos citados acima. Ela é empregada, por exemplo, quando não se sabe o sinal correspondente a uma palavra dessa língua, ou quando ainda não há um sinal convencionalizado na Libras. Já o sinal datilológico resulta de datilologias que, pela frequência de uso, se lexicalizaram. Como exemplo de sinal desse tipo podemos citar um dos sinais para ilha, *I-L-H-A*<sup>4</sup>, que, semelhante ao que acontece com outros sinais soletrados, sofre processos fonológicos como a assimilação. Nesse caso, observa-se que as CMs L e H se tornaram uma CM *L^H*. Sendo assim, nem todo sinal datilológico é composto por todas letras manuais, pois, como vimos, algumas são assimiladas ou mesmo apagadas.

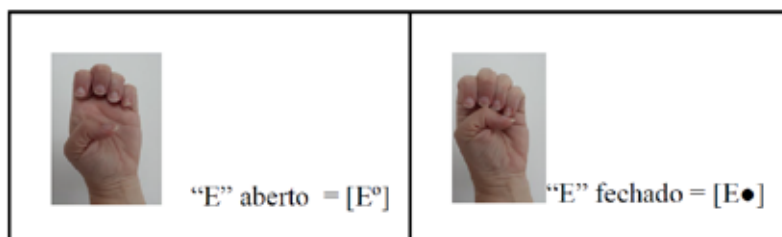
De maneira geral, podemos dizer que, do ponto de vista fonológico, os sinais datilológicos podem:

- não sofrer alteração: nesse caso, temos a soletração total de palavras do português sem qualquer perda de CMs. Alguns exemplos: *D-E-U-S* (com movimento diagonal, de lado esquerdo para o direito, indo para cima), *C-E-D-O*.
- sofrer alteração: nesse caso, a soletração de palavra exhibe assimilação e/ou apagamento de CMs (CORDEIRO, 2019).

## II. A Variação na letra manual “E”

Proponho representar a variação alofônica na letra manual “E” por meio da dos seguintes símbolos:

4 Para realizar a datilologia, as palavras em letras maiúsculas referem-se a conceitos representados pelos sinais e não a palavras da língua portuguesa. A separação das letras por hífen é uma convenção para mostrar que se está fazendo uso da soletração manual e não do sinal (FERREIRA-BRITO, 2010, p.33). Os sinais datilológicos, por sua vez, além dos hifens, também aparecem em itálico (FELIPE, 2011:22). Vale lembrar que alguns sinais datilológicos são típicos da capital do Rio de Janeiro.

**Quadro 2.** Representação dos alofones da letra manual ‘E’

Para este squib, foi feita uma coleta preliminar de dados em sete vídeos em Libras produzidos e disponibilizados por quatro informantes surdos, sendo dois do estado do Rio de Janeiro e outros dois do estado de São Paulo. Os vídeos compreendem dois gêneros textuais: piadas e receitas culinárias. Desses vídeos, foram selecionados quinze dados em relação ao uso da soletração manual, os quais foram divididos em duas categorias: datilologia propriamente e sinal datilológico. Estes últimos, por sua vez, foram subdivididos em sinais datilológicos sem mudança fonológica e com mudança fonológica. Essas categorias, por sua vez, foram subdivididas em três outras com base na posição da letra manual “E” na palavra: início, meio ou fim, como se pode ver na Tabela 2 abaixo.

**Tabela 2.** As três categorias da expressão da Libras

	<b>E no início</b>	<b>E no meio</b>	<b>E no final</b>
Datilologia	E° -L-I-X-I-R	H-O-R-T-E●-L-A S-E-S-T-A	A-Z-E●-I-T-E● I-B-G-E°
Sinal datilológico SEM mudança fonológica	É° (inclui o acento durante no movimento)	C-E●-D-O S-E●-C-O	K-I-B-E° V-I-C-E●
Sinal datilológico COM mudança fonológica	-----	Q-U-E°^M B-E°^M V-I-R-G-E°^M	M-A^E° (exclui o acento til) S-A-B-E°

Podemos observar nessa tabela que na primeira e segunda categorias foram atestados exemplos para as três subcategorias. Apenas para a última, não conseguimos encontrar um sinal datilológico com a “E” no início. Tanto na soletração quanto nos sinais datilológicos, observamos que não houve apagamentos. Observamos a ocorrência de assimilação entre os sinais datilológicos. Por exemplo, assimilação entre as letras E medial e M, no sinal *Q-U-E-M*. Observamos assimilação também no sinal da mãe.

Esse resultado preliminar indica a ocorrência de alofonia em produções da letra manual ‘E’ nas três categorias e subcategorias. Mais dados são necessários para que possamos identificar outros

fatores que condicionam essa variação.

Na continuação deste estudo, pretendo analisar outras letras manuais nas três categorias (datilologia, sinal datilológico com mudança fonológica e sinal datilológico sem mudança fonológica) em início, meio e fim de palavra através de dados naturalísticos e experimentais. Com isso, objetivo contribuir com o avanço da descrição da Libras em seu nível fonético-fonológico.

## REFERÊNCIAS

CORDEIRO, Rainere Aislan, A. *Sinal Datilológico em Libras*. 2019. 203 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

FARIA-NASCIMENTO, Sandra Patrícia. *Representações Lexicais da Língua de Sinais Brasileira: Uma Proposta Lexicográfica*. 2009. 290 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

FELIPE, Tanya. A. *LIBRAS em contexto - Curso Básico: Livro do professor instrutor*. MONTEIRO, Myrna S. - Brasília: Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC: SEESP, 2001.

FERREIRA BRITO, Lucinda. *Por uma gramática de Língua de Sinais*. Reimpressão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010 [1995]

QUADROS, RONICE RONICE M. ; KARNOPP, LODENIR. B. . *Língua de Sinais Brasileira: Estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SOUZA, P. C. E SANTOS, R.S. *Fonologia*. FIORIN, J.L. (Org.) Introdução à Linguística – II: Princípios de análise. São Paulo: Contexto, 2011, p. 33 – 58.